Ano 26.º — Sábado, 18 de Março de 1933 — N.º 1268

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguêsa

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Viva a República!

Viva a Constituïção do Estado Novo!

VIVA PORTUGAL REDIMIDO!

Se mil votos tivéssemos mil votos entrariam àmanhã na urna desde que êles são precisos para assegurar a continuidade política e de realizações que desde 1926 têm engrandecido a nação.

Portugueses! Gente da cidade, das vilas e dos campos para quem o amor da Pátria não é uma palavra vã; eleitores: cumpri o vosso dever, pronunciando-vos franca e abèrtamente pela Constituição do Estado Novo!

O caminho está traçado. Percorrâmo-lo com fé. Não deixêmos perder o trabalho, o esfôrço e o sacrifício dos últimos sete anos. Abracêmos o futuro. E com altivez façâmos com que das urnas sáia êste grito retumbante:

PARA A FRENTE!

SIM OU NÃO?

É já àmanhã que as urnas vão receber as listas do plebiscito ao país resultante da seguinte pregunta:

Aprova a Constituïção política da República Portuguesa?

Sim!—deve ser a resposta de todo o eleitor que ame a sua Pátria.

Sim! — devem afirmá-lo solenemente aquêles que, vendo bem, sabem que foi a Ditadura Nacional que nos salvou duma grande hecatombe.

Sim!—devem todos os portugueses ter a hombridade de dizer, por que do novo Estatuto há-de surgir fatalmente uma era de paz e de prosperidade que justifique essa atitude.

A Ditadura é assim substituïda, ao cabo de sete anos de bons serviços, que ninguém póde contestar por a maior parte das suas obras estarem á vista.

Ela reconstruiu todas as estradas de primeira ordem para, a seguir, serem concertadas as outras.

Ela ligou o país por meio do telefone.

Ela substituiu as sujas notas do Banco por dinheiro em prata.

Ela equilibrou o orçamento e amortisou dívidas.

Ela deixa entregue aos empreiteiros a abertura dos portos.

Ela começou a adquirir os primeiros barcos para a reconstituïção da Marinha de Guerra.

Ela acabou com as desordens contínuas e as revoluções a prazo.

Ela fez a remodelação de todos os serviços públicos, que estavam um cáos.

Ela construiu escolas, beneficiando, dêste modo, a instrução.

Ela resolveu, com critério, o gràve problema do desemprêgo.

Ela, finalmente, tem trazido para Portugal, ás toneladas, o ouro e a prata de que havíamos sido esbulhados pelos govêrnos anteriores, a ocultas, e enquanto no Parlamento se jogavam as cristas, dizendo-se abèrtamente que o país estava a saque!

Mas isto ainda não é tudo, embora seja o principal. A Ditadura fez muito mais, sendo, por isso, o Exército digno que o glorifiquêmos por a êle se dever a salvação da nacionalidade de que os partidos políticos se haviam divorciado para só tratarem dos seus interêsses.

Eleitores: àmanhã tendes a palavra. Pelas razões expostas, á pregunta—*Aprova a Constituïção Política da República Portuguesa?* — dizei — *sim*!

Porque um *não* em cada lista que aparecer nas urnas deve ser tomado como uma punhalada dirigida ao coração do nosso querido e sempre amado Portugal.

Ouro! Ouro!

A bordo do paquete *Mousinho*, que ontem chegou a Lisboa, vieram para o Banco de Portugal mais 25.000 libras-ouro, enviadas pela Caixa de Emissão da Companhia de Moçambique, na Beira.

Eh! Caetana: que *abomindável ditadura!*...

Hora legal

O Govêrno resolveu não alterar êste ano a hora pela qual nos estamos regulando, devendo esta notícia causar um grande alívio ás donas de casa. Deixam, pois, de existir as *novas* e as *velhas* e ficam as que estão.

Muito bem!

E felicitações aos que se regosijam com a medida.

Quadrilha de criminosos

Em Lisboa acabam de ser descobertos nada menos de 30 matadouros clandestinos onde eram abatidas rezes impróprias para o consumo e a polícia anda no encalço também dum certo número de candongueiros que se entregavam á venda de carne de cavalo como sendo de vitela e de carne de cão, que passava por carneiro.

Por isso as doenças alastram e o número de óbitos é cada vez mais elevado.

O que êsses mariolas precisavam era que depois de presos, lhes dessem a comer daquilo que vendiam ao público.

Devia ser êsse o principal castigo.

Efemérides

18 de Março

1827 — Em Coímbra a academia manifesta-se ruïdòsamente contra alguns lentes da Universidade que fôram a Lisboa prestar vassalagem a D. Miguel, sendo mortos dois e feridos doze eclesiásticos.

1848—Revolução republicana federal na Prússia.

1883 — Sái na Régua o primeiro número do semanário *Grito do Douro*.

1887 — Morre a menina Maria da Graça Braga, filha do dr. Teófilo Braga, cujo funeral se realisou civilmente.

1909—Chega a Lisboa o professor espanhol Francisco Ferrer, fundador das escolas livres de Barcelona, acompanhado por Soledad Vilafranca, sendo ambos detidos pela polícia á saída da estação do Rossio. Como se sabe, Francisco Ferrer foi mais tarde fuzilado sob a acusação de ser um anarquista perigoso.

Iluminação pública

Ontem, depois das 8 horas, ainda havia iluminação nas ruas.

Se calhar para compensar as faltas de noite...

Barbosa de Andrade

Faz hoje 27 anos que deixou de existir em Vizeu onde nascera, Francisco Barbosa de Andrade.

Quem era e a que propósito vem a referência?—preguntarão.

E' que com Barbosa de Andrade desapareceu de sôbre a terra

BARBOSA DE ANDRADE

uma das maiores inteligências que se assinalaram entre o professorado do nosso liceu e também um republicano dos mais entusiastas da sua época.

Figura original, de vasta cultura e dum espírito que a todos fazia inveja, Barbosa de Andrade foi, em Aveiro, o reorganizador do partido republicano e a seguir, durante o tempo que aqui viveu, o seu principal orientador. Faziam-se então as reüniões num armazem que Manes Nogueira possuía para os lados da ponte de S. Gonçalo, sentando-se os que nelas tomavam parte em barris destinados ao transporte de pescado visto ali não haver bancos nem cadeiras. A mêsa de trabalho era de pinho e a iluminação, muito coada, provinha de duas velas de stearina fornecidas sempre pelo dedicado Bernardo Tôrres.

Com Barbosa de Andrade mantivémos sempre as melhores relações de amisade e de aí o não termos esquècido ainda a sua passagem por a nossa terra, de que tanto gostava.

Saüdòsamente o recordâmos, pois, no dia de hoje, e como homenagem á sua memória, reproduzimos, para se vêr melhor quem era o homem de quem nos ocupâmos, os últimos períodos dum artigo que António José de Almeida lhe consagrou após o desenlace, que tanto entristeceu as nossas fileiras, justificando o último, plenamente, as linhas agora traçadas.

Ei-los:

«Que bela, que esplêndida inteligência a de Barbosa de Andrade!

Se, ás vezes, não parecia tão grande como era, a culpa não estava em si mesma. Estava na vontade de que Barbosa era um doente e que pela sua flacidez produzia espasmos e recúos.

Escrevia com um brilho e verve fascinantes. Conheci-o escrevendo nos *Insubmissos*, na *Fôlha Académica* e no *Intransigente*. O primeiro lugar foi sempre dêle. A prosa saía-lhe da pena como um regato de luz e tão fácil e suàvemente como se na verdade ela fôsse a liquifacção da sua alma a um tempo estrídula e bonançosa.

Nos cenáculos da boémia coimbrã o seu cavàco ficou célebre. Tudo o que dizia era lèvemente tocado de ironía e tinha tanta graça que a gente, ouvindo-o, só se alheava do seu embevecimento para sorrir, e só deixava de sorrir para se absorver na influência capitosa da sua conversa. Nunca mais encontrei quem conversasse assim.

Não era orador, mas falava bem. A sua maneira tinha uma técnica luxuriante de mais talvez, mas tão irisada de aspectos e noções e tecida de tão luminosas palavras, que o deslumbramento era certo. Embriagava. Falando em filosofia ou em arte, em que era culto, encantava com um excepcional poder de sedução, durante horas inteiras.

A's vezes errava em coisas banais, mas tudo se perdoava, visto que, quando a sua conversa não redundava em ensinamento, sempre dela resaltava a inebriação que se sente ao ouvir uma ária.

Sem ser um afectivo, tinha bom coração e os seus princípios morais eram sólidos. Por vezes, aqui e àlém, praticou ligeiros desvios, que fazem parte do natural elenco da alma dos boémios. Era ainda o resultado de, vendo longe, não vêr bem a distância intermediária. O que quer dizer: aqui

OS NOSSOS ANOS

Referiram-se também ao nosso aniversário os seguintes colegas aos quais agradecemos as suas bôas palavras:

De *O Povo de Ovar*:

«O DEMOCRATA»

Acaba de festejar o seu 25.º aniversário êste nosso presado confrade aveirense.

Antigo republicano e liberal desde a sua fundação tem sido o jornal mais combativo do distrito, mesmo dentro da actual situação, que defende com calor.

As nossas amistosas saüdações.

Da *Defêsa de Espinho*:

Com o número de 25 de fevereiro findo, entrou no 26.º ano de publicação êste nosso presado confrade que se publica em Aveiro.

Felicitando *O Democrata* pelos seus 5 lustres, desejâmos-lhe muitas prosperidades e longa vida.

Do *Jornal de Albergaria*:

Completou há pouco 25 anos de publicidade êste bem redigido e denodado colega de Aveiro, que, sob a direcção do sr. Arnaldo Ribeiro, velho republicano, tem mantido uma simpática linha de conduta.

Muitas felicidades e os nossos cumprimentos de saüdações.

A cidade de Aveiro, àlém doutros benefícios que deve á Ditadura — uma larga rêde de estradas á sua volta e o telefone, ligando todo o distrito — deve-lhe as obras do pôrto, que se acham em execução, sendo consideradas como da mais alta importância para a região da Beira-Litoral.

Nada menos de cem anos levou êste assunto a resolver, nunca lhe tendo dado andamento nem os govérnos da monarquia nem os da República a-pezar-de, por vezes, se ter instantemente reclamado nêsse sentido.

Pois bem: chegou a hora dos aveirenses, em sinal de reconhecimento, demonstrarem a sua gratidão por êsse grande melhoramento, contribuindo para que á frente dos negócios públicos continuem aquèles que só provas têm dado do maior patriotismo.

O acto eleitoral de àmanhã presta-se excelentemente a isso.

É aproveitá-lo.

Que ninguém deixe, portanto, de votar a nova Constituição visto nela residir mais uma esperança de melhores dias.

IMPRENSA

«LABOR»

Com a pontualidade do costume saíu o n.º 44 da revista de ensino secundário que nesta cidade se publica sob a direcção dos ilustres professores do liceu, drs. José Tavares e Alvaro Sampaio.

Além da sua habitual colaboração traz um excelente artigo firmado por Jaime de Magalhães Lima e que tem êste título — *Afeiçoamento recíproco do palácio e da praça na linguagem.*

«O DESPERTAR»

Felicitâmos cordealmente êste presado confrade de Coímbra, dirigido pelo sr. Ernesto Donato e editado por Mário Henriques, dois bairristas de primeira ordem, por ter atingido o seu 17.º ano.

O Despertar traz-nos sempre uma recordação da cidade do Mondego onde passámos o melhor tempo da nossa mocidade e essa circunstância aliada ao ideal que defende faz-nos ter por êle uma grande simpatía que muito gôsto temos em manifestar-lhe na ocasião de mais um aniversário a juntar á sua brilhante carreira jornalistica.

As andorinhas

—o—

Chegaram. São as precursoras da Primavera, que daqui a três dias deve fazer a sua entrada, como preceitúa o Borda d'Agua.

Benvindas. E oxalá não tenham de arrepender-se. E' sinal de ter passado o frio, que tanto nos tem flagelado.

Ameaçando ruína

=o=

Chamam a nossa atenção para um muro que existe na Avenida Central, próximo da estação do caminho de ferro, que ameaça ruína, podendo serem gráves as conseqüências dum desmoronamento por naquêle local se verem sempre crianças a brincar.

A' Câmara pedimos providências.

Um chorrilho

—o—

Da Caetana das tripas:

Nós nunca dissémos que só os democráticos são republicanos, não, que isso seria dizer uma burrice, dessas não se usam por cá, que somos pessoa de talento; o que porém afirmamos solenemente, sob o mais sagrado juramento, é que o da ria não sabe, nem tem espírito para saber o que é ser republicano, tendo-se mostrado sempre, como tal, uma negação, no ódio permanente que sempre teve a tudo que é Democratismo.

A'parte o português, que é do mais macarrónico, o resto só confirma o que toda a gente sabe: quem não fôr democrático nem é bom republicano, nem lhe assiste o direito de se interessar pelo progresso da nação.

O' Caetana, que te estendes a toda a hora!...

FOGO!

Um desastre ferroviário que apavora pelas consequências dêle originadas

Na tarde do último sábado foi a cidade alvoroçada com o toque do sino dos Paços do Concelho, chamando os bombeiros ao cumprimento do seu dever visto para os lados da estação do caminho de ferro, dizia-se, ter rebentado um pavoroso incêndio.

Prestes acorreram os denodados combatentes do perigoso elemento assim como elevado número de pessoas que, alarmadas com os espessos rôlos de fumo que se elevavam ao cimo da Avenida Central, logo viram tratar-se duma grande fogueira sem, contudo, precisarem o local. Também fômos na onda e então apurámos o seguinte:

Na linha férrea, um pouco ao norte da estação, quási em frente do depósito da União Fabril, encontrava-se o combóio de mercadorias n.º 8.556 á cauda do qual estava ligado um vagon-tanque, contendo 20 800 litros de gazolina em trânsito para Mangualde, pertença da Vacuum Oil Company.

Vindo do Pôrto, pelas 17,20 horas, chegava o combóio omnibus n.º 4, cujo maquinista, João Ferreira, tomando as precauções regulamentares, apitou a freios, segurando o trem até á primeira agúlha. Como se sabe, daquêle lado, antes da estação, existe uma curva apertada pelo que o referido maquinista só notou haver êrro no caminho que seguia a uns 40 metros do combóio de mercadorias e quando já não podia evitar o choque a-pezar-de todos os esforços empregados. A locomotiva foi, pois, de encontro ao vagon-tanque de gazolina que, arrombando-se, espalhou o líquido a jôrros e se incendiou ao tomar contacto com o cinzeiro. As chamas envolveram logo a máquina, o vagon começou também a arder e dentro em poucos segundos as labaredas e o fumo atingiam proporções verdadeiramente assustadoras e fantásticas.

Ao mesmo tempo o fôgo pegava no escritório da União Fabril, que devorou em parte, e bem assim dois vagons J, não indo àlém em virtude do ataque dos bombeiros que, auxiliados pelo pessoal da C. P. prestaram optimos serviços.

Da Companhia União Fabril ainda ardeu algum mobiliário e papelada de certa importância, sendo uma providência o não ter rebentado a caldeira da máquina por aparecer quem, a tempo, se lembrasse de abrir a válvula de escape. Diz-se que se deve isso ao arrojo do factor de 3.ª Isaias Lemos.

E' indescritível o pânico e a confusão dos primeiros momentos. Todavia, a-pezar da gravidade do sinistro apenas uns leves ferimentos se regis, taram e êsses produzidos durante a extinção do incêndio que levou aproximàdamente duas horas a apagar-se de todo.

Os prejuízos estão calculados em 500 contos, sendo atribuída a responsabilidade do acontecido, primeiro, ao pessoal da estação de Vila Nova de Gaia que atrelou á cauda do combóio de mercadorias o tanque quando o lugar dêste era no centro da composição e depois ao encarregado da agulha por a ter feito mal. Mas isto é uma versão, que damos sob reserva, pois quem há-de apurar toda a verdade são es encarregados do respectivo inquérito ordenado pela Companhia Portuguesa.

De Ilhavo e de Estarreja chegaram a vir bombeiros das corporações que ali existem, fazendo o trajecto nos carros pronto socorro e prestando serviços em conjunto com os nossos, os quais fôram presenceados por milhares de pessoas quer da cidade quer dos arredores que a polícia conteve a certa distância.

Engasgada

——

De *A Montanha*, em resposta ao nosso éco da outra semana intitulado *A pomba*:

O da ria de Aveiro, que nas enxurradas pesca o melhor da sua alimentação, afirma que tem sido vítima das nossas torpezas, apenas por ser...

O que julgam que êle tem sido?

Não o podemos dizer.

E' proíbido dizer coisas pornográficas...

Além disso, proíbe-o também a nossa educação e bons costumes.

Quem lêr nas entrelinhas da *Montanha* há-de julgar que nós sômos o que ela é...

Mas quere passar por educada e de bons costumes!

Ora o raio da Caetana!...

Conferência política

—x—

Com o chefe do distrito e o sr. presidente da Câmara reüniram na terça-feira de tarde todos os representantes das freguesias do concelho de Aveiro, que trocaram impressões sôbre o acto eleitoral de àmanhã.

Tanto o sr. major Gaspar Ferreira como o sr. dr. Lourenço Peixinho, dissertaram, com clareza, sôbre o significado da votação, que é de esperar seja muito elevada na maior parte das assembleias.

Êste número foi visado pela Censura

Secção desportiva

Foot-Ball

Galitos 5---União 1

Com diminuta assistência efectuou-se domingo o anunciado encontro entre as primeiras categorias do *União Foot-Ball Coimbra Club*, da cidade do Mondego e do *Club dos Galitos*, da nossa terra, cabendo a vitòria ao *team* local por 5-1.

Galitos registou duas bolas na primeira parte e três na segunda, sendo marcadores Feijão, Flávio, Teixeira e Picado.

Alberto Martins, guarda-rêdes do *onze* aveirense, mais uma vez defendeu com brilho as côres do seu club o que lhe valeu ser muito ovacionado.

Arbitraram êste desafio António Misarela, de Coimbra e Augusto Lopes, no primeiro tempo, e o sr. tenente Natividade e Silva, no segundo.

Galitos---Recreio Desportivo

No Campo de S. Domingos devem defrontar-se ámanhã *Galitos* e *Recreio Desportivo*, da próxima vila de Agueda, que nesta época tem registado bastantes vitórias.

O desafio principiará ás 16 horas.

* * *

As reservas dos *Galitos* também ámanhã se deslocam a Albergaria-a-Velha onde vão jogar com o *Santa Cruz Foot-Baal Club*, daquela vila.

AMADOR

Ora toma!

Á Caetana das tripas não cheirou bem o nosso fundo a semana passada.

Mas quem lhe mandou meter o nariz?...

ANTÓNIO NOBRE

=o=

Faz hoje trinta e três anos que morreu António Nobre, que o autor do

livro mais triste que há em Portugal

deixou de andar *degredado por esta Costa d'Africa da Vida.*

Eram 10,30 da manhã quando fechou os olhos, afim de o levarem para o *Hotel da Cova*

Sequinho, amarelo,
Que nem uma tocha!

—

Há em Aveiro uma pessoa capaz de, melhor do que ninguém, nos falar do poeta do *Só* — Mário Duarte — o *Mário da Anadia*, como escreveu António Nobre na *Carta a Manuel*:

O que, ainda mais, nesta Coímbra de salgueiros
Me vale, são os meus alegres companheiros
De casa. Ao pé dêles é sempre meio-dia:
Para isso basta entrar o Mário da Anadia.

Nós apenas desejâmos, com estas linhas, lembrar a data do passamento de um dos maiores poetas portugueses, do mais inconfundível — se é que os grandes poetas não são todos inconfundíveis,

Como Anto ninguém soube, até agora, falar da tristeza, da melancolia. E, por isso, talvez não haja em Portugal poeta nenhum tão lido e compreendido pela alma do povo.

Nós, portugueses, sômos tristes, sômos uns eternos insatisfeitos. Quem há aí, pois, que, vencido pelas batalhas da vida, não sinta êstes versos, êstes quatro versos - verdadeiro retrato moral do poeta e de todos quantos sofrem?

E os anos correram, e os anos cresceram,
Com êles cresci:
Os sonhos que tinha, meus sonhos... morreram
Só eu não morri...

O que é a vida senão uma hecatombe de sonhos?

Os sonhos que tinha, meus sonhos... morreram.

Pobre poeta! Foi um torturado. Ninguém jàmais o soube compreender.

Viveu pouco, mas sofreu muito.

Correu mundo. Reprovado duas vezes no primeiro ano da Faculdade de Direito, em Coímbra, por mestres que não cuidavam só da aplicação dos alunos, mas também das suas excentricidades, foi para Paris, onde tirou o curso. Esteve noutros países, entre os quais a Suiça. Lá procurou alívio para os seus males. A tísica, porém, não o poupou — como não poupou outros grandes poetas nossos.

António Nobre sabia o mal que o minava. Ao contrário, porém, de José Duro, que se enraivecia, resignava-se:

... Ah! vinham a essa hora
As moças da lavoira a cantar, a cantar,
(Faziam-me, Senhor! vontade de chorar...)
Mas quando, perto já, eu me ia aproximando,
Paravam de cantar e ficavam-me olhando...
E, que eu não fôsse ouvir, murmuravam baixinho,
Com dó, a olhar: «Como êle vai acabadinho!»

Mais adiante, encontrava a mulher do moleiro,
Que ía o cântaro encher á *Fonte do Salgueiro*,
Lindos cabelos empoeirados de farinha:
Era uma flôr, mas parecia uma vèlhinha...
—Vai melhorzinho? — Assim... vou indo, vou melhor...
—Pois seja pelas Cinco Chagas do Senhor...

Infelizmente piorava. Ele sabia que o seu mal era irremediável, que dentro em pouco talvez fôsse descansar... A doença avançou e apanhou-o, quási no fim, no lugar de Casais. Nas vésperas da morte foi para a Casa do Seixo, vindo a morrer em Carreiros (Foz do Douro). Daqui o levaram para a cama *fôfa* do *Hotel da Cova*. E, como disse algum dia a filha do coveiro: — *Ia tão amarelinho quando partiu!*

Faz hoje 33 anos que, com 33 anos, morreu António Nobre, o autor do

..livro mais triste que há em Portugal.

S. E.

O TEMPO

Querem lá vêr que os mêses de março e fevereiro permutaram?

E' exquisito. Mas se assim aconteceu teremos de agüentar agora o inverno já que nos foi dado gosar, em fevereiro, os lindos dias que mais pareciam de Primavera.

E pronto.

Áparte

—o—

O semanário republicano de esquerda, *Liberdade*, que se publica em Lisboa, noticiando a passagem do nosso aniversário, dá-nos os parabens.

Muito *obrigado* ao colega que, como se vê, não é tão mau como á primeira vista parecia...

Creados

Necesstam-se dois para lavoura.

Nesta Redacção se informa.

e àlém errou um pouco, mas as intenções fôram sempre ótimas.

Foi uma figura original, pitorêsca e brilhante, tendo sempre, nos seus estouvamentos de rapaz, um fundo indeclinável de bondade e honradez.

Por isso também a sua lembrança se apagará dificilmente da memória daquêles que de perto o conheceram, o que equivale a dizer daquêles que sem reservas o amaram.»

Haverá crime?

—x—

Ao sul do farol da Barra, junto ao mar, apareceu na quarta-feira de manhã o cadáver de Joaquim Simões Ferreira, natural do Sobreiro, concelho de Albergaria-a-Velha, que apresentava um ferimento no parietal direito produzido por arma de fogo, possìvelmente uma pistola ou revólver.

O estranho acontecimento levou as autoridades a averiguarem a sua origem, calculando tratar-se dum crime.

Joaquim Ferreira era negociante em Oliveira de Frades, onde residia com a esposa, a sr.ª D. Maria Rosa Mourisca Ferreira e quatro filhos, tendo um empregado nesta cidade.

Nos bolsos fôram-lhe apenas encontradas duas moedas de pouco valor — 1$05 — faltando a carteira e os aneis que costumava usar nos dêdos.

Depois das formalidades legais, o corpo veio para esta cidade onde se procedeu á autópsia antes de ir a enterrar no cemitério da sua freguesia.

Dr. Oliveira Salazar

Por não lhe ser possível ir ao Pôrto, a conferência dêste eminente estadista realisou-se anteontem em Lisboa, tendo-se radiodifundida para diferentes pontos do país.

E' uma peça de alta importância política e social.

Horroroso

No pretérito sábado, um abalo sísmico encheu de ruínas e vítimas parte do Estado da Califórnia, sendo o bairro comercial de Long Beach, em Los Angeles, cuja população era de 45.000 habitantes, o mais sacrificado.

A catástrofe foi originada por três abalos de terra violentíssimos, seguidos de incêndios e por um *raz-de-maré* formado no Oceano Pacífico, que invadiu uma parte importante da costa.

O número de mortos conta-se por centenas, o dos feridos por milhares e os prejuízos calculam-se em muitos milhões de dolares.

Antes havia-se dado catástrofe idêntica no Japão onde ficaram destruídas nada menos de 4.500 casas.

Um horror!

MARIA DO SOL

=o=

As mulheres de Sangalhos manifestando-se contra o indulto

Bem dissémos nós que o caso da Maria do Sol não era mais do que uma armadilha ao pingarelho por parte de certa imprensa, que, á falta doutro assunto palpitante, com êle veio explorar o sentimentalismo da gente lusa. Está confirmado. As mulheres de Sangalhos, onde o crime teve origem, acabam de dirigir ao sr. Presidente da República uma representação na qual, depois de justificarem a sua atitude, pedem que não seja concedido qualquer indulto á assassina de que tanto se tem falado.

Essa representação, coberta com umas 300 assinaturas autênticas e de valor, foi redigida nos seguintes termos:

"*Ex.mo sr. Presidente da República:*

As mulheres de Sangalhos, dignas e honradas, que têm ainda em conta o dever e o culto da verdade, vêm perante V. Ex.ª protestar respeitosamente contra a insidiosa campanha da Imprensa a favor da Maria do Sol, que, por felicidade, não é sua patriucia, indignadas, justamente indignadas, contra a mentira e contra a intriga.

Vêm respeitosamente implorar de V. Ex.ª, homem justo e bom, a quem Portugal tanto deve, quer na ordem material, quer na moralização dos costumes, que só justiça seja feita nêste triste caso que os Tribunais já julgaram, aliás com uma benevolencia imerecida.

O processo e o julgamento foram, e hão-de ser eternamente o calvário da Maria do Sol, que matou um dos melhores homens da nossa terra.

Para encobrir essa miséria humana foi preciso pôr a soldo quási toda a Imprensa do país.

Para encobrir essa miséria foi preciso mentir, mentir, mentir!

Maria do Sol matou!

E escondeu o seu acto! E negou-o! E procurou justificar a impossibilidade de ser a matadora!

Apareceu ao pé do cadaver, procurou esconder os vestigios do seu crime hediondo, procurou prestar serviços junto do desgraçado morto!

Presa, porque todo o lugar tinha justos motivos para acreditar ser ela a criminosa, e levada para a Investigação Criminal de Coimbra, só aí, ao fim de 15 dias, acumuladas as provas, e encontrada uma carta que Manuel de Sousa guardára no seu cofre, confessou, arquitectando uma defesa que não tem qualquer base séria.

Ex.mo sr.: — As mulheres de Sangalhos não querem, para exemplo de todos, o indulto, que almas doentes ou preversas vão solicitar de V. Ex.ª.

E não querem porque êle não é merecido!

Afirmam o mais alto respeito por V. Ex.ª e pedem Justiça.

Como se vê, êste sucinto relato diz tudo.

Não se trata duma mulher de honra, mas sim duma criminosa vulgar a quem as mulheres honestas de Sangalhos repudiam, negando-lhe toda a solidariedade.

E nestas condições não tem direito nenhum á clemência presidencial.

PROCISSÕES

—o—

Realisaram-se domingo e segunda-feira, com a pompa do costume, as procissões de Passos nas duas freguesias da cidade as quais percorreram os itenerários dos anos anteriores.

Nas ruas e largos aglomerou-se muita gente para assistir ao seu desfile.

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem anos: hoje. a sr.ª D. Maria Emilia Machado da Cruz, o nosso velho amigo João Pinho das Neves Aleluia, proprietário da Fábrica Aleluia *e o filho Alfredo do sr. tenente Alfredo Cesar de Brito, residente no Pôrto; àmanhã, as sr.as D. Cândida das Dores Duarte Peixinho, esposa do sr. Jerónimo Peixinho e D. Aida de Melo Brito, filha do sr. António Constantino de Brito, farmacêutico em Valadares; a gentil tricaninha Aurea Ferreira, filha do sr. João Pedro Ferreira e os srs. tenente José Reinaldo Oudinot, José Augusto Martins Taveira e António José Nunes Rangel; no dia 21, a inocente Liliete dos Anjos, filha do sr. Joaquim Correia Maltez, proposto da tesouraria de Finanças de Viseu; em 22, o sr. comandante Silvério da Rocha e Cunha, actualmente em Luanda (Africa Ocidental); em 23, as meninas Maria Bebiana F. Pinto e Maria Helena Faria de Almeida, filhas respectivamente dos srs. Adelino Pinto e Manuel Faria de Almeida, empregado na filial do Banco Nacional Ultramarino de Lourenço Marques (Africa Oriental) e em 24, as sr.as D. Maria Ávia Duarte de Carvalho e D. Alda Campos de Mira Coelho, esposas respectivamente dos srs. Francisco Augusto Duarte e dr. Júlio de Mira Coelho Júnior, professor da Escola Industrial e Comercial da Figueira da Foz.*

Gente nova

Teve o seu feliz sucesso, dando á luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Celeste Soares Ferreira, esposa do nosso amigo António da Costa Ferreira, da fábrica da lixa Lusostela.

Os nossos parabens.

—Na Beira (Africa Oriental) também deu á luz duas meninas a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Fernanda Nogueira Pinheiro e Silva, filha do nosso amigo Manes Nogueira e esposa do sr. Agostinho Pinheiro e Silva.

A' data do nascimento mãe e filhas encontravam-se bem.

Partidas e chegadas

— Acompanhado da espôsa, regressou de Santos, (E. U. do Brasil), o nosso conterraneo sr. Pompeu Augusto Duarte, que a esta Redacção veio apresentar cumprimentos, fazer o pagamento da assinatura do jornal e oferecer-nos um lindo calendário, o que tudo agradecemos muito reconhecidos.

O sr. Pompeu Duarte conta não mais voltar a Santos onde liquidou todos os seus negócios.

Foi-nos deveras grato vêr de novo cá os estimados aveirenses.

Doentes

Tem passado bastante doente, sofrendo duma inflamação no aparelho auditivo, o nosso amigo Francisco Pereira Lopes, gerente dos Armazens de Aveiro, L.ª, *desta cidade.*

— Na sua casa de Vagos recolheu ao leito, atacado pelo reumatismo, o nosso amigo dr. António Lucio Vidal, advogado nesta comarca.

Desejamos o restabelecimento de ambos.

Correspondencias

Aradas, 14

Parece que a nossa correspondência de 25 de fevereiro que démos á publicidade como um *balão de ensaio*, fez dar *sorte* a *algumas* pessoas, que julgávamos que não existiam, segundo nos afirmaram.

Aquela *história* do visado dar saltinhos de Estarreja para Vagos, aproveitámo-nos da ocasião do Carnaval como que a deitar a *rêde* para vêr se o *peixe caia*.

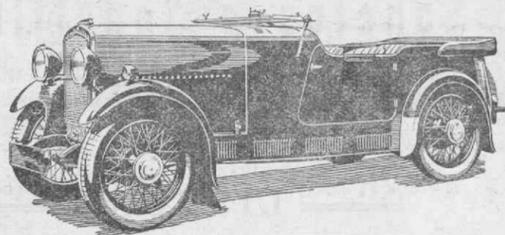
Tanto podia saltar de Benavente para Salvaterra, como de Ancião para a Vila da Feira.

Se, como consta, alguém tomou o caso a sério, nada temos com quem se deixa *disfrutar*. Há, porém, dois pontos que convém esclarecer: quem quizer e souber lêr nas entrelinhas, logo compreendia que não era crível que uma mulher ajoelhasse aos pés dum homem e lhe pedisse perdão, se bem que tudo isto pudesse acontecer, dadas as circunstâncias, por outros processos menos humilhantes. Isso foi para rendilhar a frase e sombrear o quadro.

Nêste caso anda tudo desnorteado, mesmo na referência ás tabernas.

O *visado* não é de lá, é dêstes arredores onde passa as suas horas vagas numa taberna *predileta* ao caváco com os amigos, e por diversas partes, que é como quem diz ao *soalheiro*.

Manda a verdade que se diga que o indivíduo desta nossa *história* não é bêbedo; passa o tempo lá por distração, contando a diversos *coisas* que prudentemente devia calar.

Se ainda há alguém a quem sirva o *chapéu*, tanto melhor, porque ficâmos a conhecer factos que completamente ignorávamos, felicitando-nos pelo estratagema ter dado bons resultados.

C.

N. da R. — Recebemos o seguinte postal:

Vagos, 14-3-1933

... Sr.

Tendo lido num dos últimos números do Democrata, *em correspondência de Aradas, uma noticia que visa um professor desta vila e sendo eu natural de Estarreja e professor também na vila de Vagos, pedia a V. o favor de dizer no jornal de que é digno director, que se não trata da minha pessoa, porque muita gente julga erràdamente que a questão é comigo, quando eu nada tenho com isso.*

Agradecendo antecipàdamente, sou

De V. etc.,

JOÃO DA SILVA FREIRE

Com todo o gôsto.

Oliveirinha, 16

Duas notícias da nossa última correspondência vieram incluídas na da Costa do Valado. Concertêsa foi êrro do paginador

— Com a provecta idade de 99 anos faleceu no domingo a sr.ª Luísa Cardoso, que passava por ser a pessoa mais velha daqui. Era mãe dos srs. Manuel Simões de Carvalho e José Simões Loureiro Novo, tendo tido um funeral bastante concorrido.

Os nossos pêsames.

—Andam desenfreados os salteadores de capoeiras, constando-nos que vai ser organizada uma espécie de polícia secreta para vêr se os apanha ou sabe quem êles são.

E depois não se queixem...

— O tempo tem andado vário, dificultando os trabalhos do campo.

C.

Taipa, 15

Até que chegou a vez a êste lugar de ter também uma escola em edifício próprio, cuja construção se anuncia para brève. Pelo menos é o que ficou resolvido há pouco, tendo aqui vindo já o digno presidente da Câmara, sr. dr. Lourenço Peixinho, que se fez acompanhar do arquitecto sr. Jaime Santos e dos srs. Maia Romão e António Varregoso, da Inspecção Escolar, com os quais se entendeu a comissão de habitantes empenhada em levar por diante essa ideia.

Sabemos que algum dinheiro se acha subscrito para os primeiros trabalhos, havendo lavradores que estão dispostos a concorrer com material de construção, o que é uma grande ajuda.

A escola fica situada no centro da povoação, sendo fóra de toda a dúvida que, depois do chafariz, é dos maiores melhoramentos que se fica devendo á Câmara presidida pelo sr. dr. Lourenço Peixinho, visto ser ela que mais contribue para a projectada obra.

A'vante! E que os naturais desta terra não esmoreçam no auxílio a prestar.

C.

Esgueira, 15

Dissemos na nossa última correspondência que o ensaiador do grupo cénico do Recreio Musical, que representou as peças *O Filho da República* e *Morrer para ter dinheiro*, fôra o sr. tenente Birrento, o que não corresponde á verdade pois, melhor informados, soubémos que dêsse encargo se desempenhou ùltimamente o sr. Mário de Azevedo. Vão, portanto, para êle os louvores.

—Encontra-se doente o nosso amigo sr. Alfredo Simões da Silva, a quem desejamos brève restabelecimento.

C.

O Democrata vende-se na Bibliotéca da Estação.

Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

AVEIRO

Nos termos do Art. 22 dos Estatutos, são convidados os senhores accionistas a reünirem em Assembleia Geral no próximo dia 30 do corrente mês, na séde social em Aveiro, pelas catôrze horas, para discutirem e votarem o relatório e contas da nossa Direcção e o Parecer do Conselho Fiscal referentes ao exercício de 1932.

No caso de não comparecer número legal, fica desde já convocada esta reünião para o dia 16 de abril próximo futuro á mesma hora e no mesmo local.

Aveiro, 11 de março de 1933.

O Presidente da Assembleia Geral,

Eduardo Honório de Lima

Necrologia

Vitimado por um sofrimento cerebral deixou de existir na noite da penúltima quinta-feira o industrial de alfaiataria Sebastião Matias de Pinho, antigo componente da *Banda José Estêvão*, que se incorporou no seu funeral efectuado no dia seguinte de tarde para o cemitério novo.

Era casado, contava 67 anos de idade e deixa alguns filhos entre os quais o electricista António Matias de Pinho.

* * *

No bairro Aires Barbosa também se finou no dia seguinte, ceifado pela tuberculose pulmonar, Serafim Simões da Cunha casado, de 33 anos.

Era mais conhecido pelo *Serafim das Bandeiras* por tratar de ornamentações nas festividades.

* * *

No Hospial da Misericordia, onde se encontrava internado há cerca de 18 anos, faleceu terça-feira Serafim José da Costa, antigo cocheiro da casa Taveira, natural de Vouzela.

Era viuvo, contava 94 anos e deixou um filho residente na América do Norte.

* * *

Faleceram mais: Joaquim José, de 83 anos e Rosalina Rosa da Cruz, de 75 anos. Eram ambos viuvos e residentes no Bairro Piscatório.

A's famílias enlutadas, as nossas condulências.

O Democrata *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.*